

A AUTORIDADE DA BÍBLIA

HUGO McCORD

Estamos quase concluindo esta série de estudos. Até aqui, temos enfatizado a inspiração da Bíblia, mas o fato da inspiração ressalta a autoridade do Livro. Nesta última lição, portanto, reforçaremos essa autoridade.

“PREGA A PALAVRA”

Nenhum encargo é mais sério do que o apresentado por Paulo, quando estava no corredor da morte na Prisão Mamertine em Roma. Paulo deu uma incumbência a Timóteo, seu filho amado no evangelho, o qual se encontrava do outro lado do mar, em Éfeso. O apóstolo tinha sessenta e sete anos, cinco anos a mais do que quando se descreveu como “Paulo, o velho” (Filemom 9). Gravadas no corpo do velho Paulo estavam as marcas de Jesus (Gálatas 6:17). Essas marcas certamente incluíam cicatrizes do apedrejamento que ele sofrera na cidade natal de Timóteo, Listra, do qual o jovem estava ciente (Atos 14:19; 2 Timóteo 3:11).

Por mais de uma razão o apóstolo desejava receber uma visita de Timóteo. Não seria mais possível recorrer de sua sentença de morte¹. A execução estava marcada para a primavera, e o último inverno de Paulo, a ser passado numa cela fria e úmida, o aguardava. Os prisioneiros dependiam da ajuda de amigos (2 Timóteo 1:16, 17), e Paulo precisaria de uma capa (gr.: *failones*) que deixara em Troade com Carpo (2 Timóteo 4:13). Por conta disso, ele aconselhou Timóteo a apressar-se “a vir antes do inverno” (2 Timóteo 4:21).

Todavia, a principal razão para ele querer que Timóteo fosse até ele era colocar algo mais no fundo do coração do jovem. Impossibilitado de saber com certeza se tornaria a ver o seu

protegido face a face, o apóstolo decidiu colocar numa carta o que ele queria imprimir na alma do evangelista: *prega a Palavra*.

Só o fato de Paulo escrever “prega a palavra” (2 Timóteo 4:2) teria sido bastante sério. Vindo de um preso condenado, que ansiava profundamente pela salvação de almas, e sendo dirigido a um ministro jovem de quem tantas coisas dependiam, as três palavras ganham uma seriedade adicional. Paulo tornou a incumbência ainda mais séria dizendo a Timóteo que ela estava sendo entregue “perante Deus” (1 Timóteo 6:13). A seguir, ele acrescentou que Cristo em esplendor (gr.: *epifaneia*) realizaria o último dever do Seu reinado julgando os vivos e os mortos.

Certamente, Paulo disse tudo o que poderia ser dito para chamar a atenção do pregador éfeso antes de comunicar o imperativo “prega a palavra”.

O SIGNIFICADO DE “A PALAVRA”

Quando a incumbência (gr.: *keruxon ton logon*, que significa “anuncia a informação, proclama a mensagem, prega a palavra”) foi transmitida a Éfeso e lida por Timóteo, que idéia teria vindo à sua mente? O que impactou Timóteo quando ele leu as palavras *keruxon ton logon*? Qual era — e é — “a palavra” a ser tão urgentemente pregada?

A Palavra da Criação e Conservação?

Poderosa era a palavra que trouxe à existência o universo: “Pela fé, entendemos que foi o universo formado pela palavra de Deus, de maneira que o visível veio a existir das coisas que não aparecem” (Hebreus 11:3). Foi a palavra criadora de Deus que formou a terra da água e

criou os céus (2 Pedro 3:5). “Os céus por sua palavra se fizeram, e, pelo sopro de sua boca, o exército deles... ele falou, e tudo se fez; ele ordenou, e tudo passou a existir” (Salmos 33:6–9).

A força que reside nos oráculos divinos efetuando o princípio da criação ainda é vista na Sua sustentação e conservação de todas as coisas “pela palavra do seu poder” (Hebreus 1:3). Essa “mesma palavra” (2 Pedro 3:7) reserva os céus e a terra para o fogo no Dia do Juízo. Embora Sua palavra de criação e conservação seja poderosa, não há indicação de que Paulo estivesse discutindo esse aspecto da palavra de Deus em sua incumbência a Timóteo.

A Palavra aos Patriarcas?

A palavra de Deus viera a Adão, a Caim, a Noé, a Abraão e a muitos outros patriarcas (Gênesis 2:16; 4:12; 6:14; 12:1). Timóteo sabia disso (2 Timóteo 3:15), mas não há prova alguma de que Paulo tivesse as elocuições do Antigo Testamento em mente quando escreveu para que Timóteo pregasse a Palavra.

A Palavra a Israel?

A palavra de Deus trovejou de modo amedrontador do pico do Sinai trêmulo para multidões de israelitas no vale abaixo (Êxodo 20:1–19). Mais tarde, Deus escreveu com o dedo nas tábuas de pedra o que Ele havia proclamado oralmente (Êxodo 31:18; 34:28, 29). Além disso, Ele ditou um livro de outras leis a Moisés (Êxodo 24:4; Hebreus 9:19). Tanto as pedras quanto o livro continham a palavra do Senhor (Êxodo 35:1). O que Moisés trouxe do alto da montanha deveria ser o padrão de autoridade para os hebreus, consagrado com sangue. Não deveria receber nenhum acréscimo nem diminuição (Deuteronômio 4:2). Aquele que menosprezasse a lei de Moisés, a palavra do Senhor, morreria (Hebreus 10:28). Qualquer um que se atrevesse a dizer coisas diferentes do que o que estava escrito na Lei, a palavra de Deus por intermédio de Moisés, estaria sendo contrário à verdade de Deus. Todavia, por mais importante que fosse a palavra do Senhor na Lei, não há indícios de que Paulo a tivesse em mente ao dar sua incumbência a Timóteo.

A Palavra como uma Pessoa?

Igualmente, a incumbência de Paulo não parece ter o sentido específico do Verbo, o *Logos*, de João 1:1: “No princípio era o Verbo, e o Verbo

estava com Deus, e o Verbo era Deus”. O Verbo de João 1:1 era ninguém mais do que Jesus Cristo, o qual “se fez carne e habitou entre nós” (João 1:14). Embora seja verdade que Timóteo deveria pregar Cristo (veja Atos 8:5), a “palavra” de 2 Timóteo 4:2 parece ser as informações ou a mensagem a respeito de Cristo a serem proclamadas por Timóteo. Ele deveria pregar a palavra sobre “o Verbo”, Jesus.

A PALAVRA SOBRE “O VERBO”

A Palavra do Reino

Como discípulos de Cristo, tanto Paulo como Timóteo pregaram o que Jesus pregou. Marcos 2:2 diz que Jesus estava anunciando “a palavra”. A mensagem de Jesus era “a palavra do reino” (Mateus 13:19). Jesus conhecia a predição de Daniel de que Deus estabeleceria um reino indestrutível (Daniel 2:44); Ele saíra do céu para estabelecer esse reino. “Eu para isso nasci e para isso vim ao mundo” (João 18:37). “O tempo está cumprido”, anunciou Ele, “e o reino de Deus está próximo” (Marcos 1:15). Em harmonia com isso, Ele viajou por partes da Palestina durante três anos “ensinando nas sinagogas, pregando o evangelho do reino” (Mateus 4:23). O reino era tão iminente no ano 29 d.C. que Jesus predisse: “...dos que aqui se encontram, alguns há que, de maneira nenhuma, passarão pela morte até que vejam ter chegado com poder o reino de Deus” (Marcos 9:1).

De fato, num sentido preparatório, durante os três anos do ministério pessoal de Jesus (27–30 d.C.) os que foram imersos conforme o ensino de Jesus e de João (Mateus 3:1–6; João 4:1, 2) estavam entrando no reino (veja Lucas 16:16). Estavam nascendo de novo da água e do Espírito (João 3:5), preparando-se para o Senhor (Lucas 1:17). Num sentido real, porém, o reino não foi de fato estabelecido enquanto Jesus não recebeu toda a autoridade no céu e na terra, e subiu ao céu para sentar-se no trono (Mateus 28:18; Atos 2:29, 30).

O reino pregado por Jesus era único. Não seria deste mundo, mas do céu (João 18:36; Mateus 4:17): “o reino do céu está próximo”. Seu poder não estava em armas de ferro, mas na força do amor (Mateus 5:44). A atitude por ele proclamada não era orgulho, mas humildade (Mateus 5:5). A ênfase desse reino não era ganhar, mas dar (Mateus 10:8). Ele não era visível nem tangível, mas deveria habitar nos corações dos homens (veja Lucas 17:21; João 18:36). Seus princípios

eram misericórdia, paz e justiça (Mateus 5:3–9). Verdadeiramente, ele seria um prenúncio do reino celestial após esta vida.

O primeiro dia de Pentecostes após a ascensão de Jesus é assinalado como a verdadeira data em que o reino veio a existir. Naquele dia o recém coroado Rei, agora no céu, foi ungido pelo Seu Pai com “o óleo de alegria” (Hebreus 1:9). Após Sua coroação, o primeiro ato do Rei foi enviar o Espírito Santo para revestir Seus embaixadores, Seus apóstolos, com a autoridade do Rei (Atos 2:33; 2 Coríntios 5:20). Esses embaixadores proclamaram até os confins da terra que, além do rei que governava em Roma, havia “outro rei”, Jesus (Atos 17:7). Sempre que pecadores aceitavam com alegria a “palavra” (Atos 2:41) sobre o Cristo exaltado, eram imersos. Milhares, gerados pela “palavra” (Tiago 1:18; veja 1 Pedro 1:23, 24) foram levados a tanques de água para consumarem seu nascimento da água e do Espírito (João 3:5).

Sempre que “a palavra” era pregada, Cristo era pregado (Atos 8:5), e estas eram as boas novas “a respeito do reino” (Atos 8:12). No momento da imersão, os pecadores eram transportados do império das trevas para o reino do Filho do seu amor (Colossenses 1:13). O serviço fiel ao reino na terra garantiria aos seus cidadãos que, após muitas tribulações, eles “entrariam no reino de Deus” (Atos 14:22). Assim, parece que a “palavra do reino” (Mateus 13:19) proclamada por Jesus era “a palavra” que estava na mente de Paulo quando ele incumbiu Timóteo de pregar. Tudo o que se relaciona ao reino deveria ser incluído na pregação de Timóteo.

Os Livros do Novo Testamento

O Espírito Santo enviado pelo Rei guiou os apóstolos, como Mateus, João e Pedro, a toda a verdade (João 16:13). O Espírito também inspirou os profetas, como Marcos, Lucas, Tiago e Judas (Atos 13:1, 2) e guiou Paulo nas palavras que ele disse (1 Coríntios 2:13) e escreveu (1 Coríntios 14:37) em pelo menos doze livros. Se tudo isso foi realizado (com exceção dos escritos de João) até o tempo em que Timóteo recebeu a incumbência de Paulo, havia uma abundância de informações formando uma “palavra” escrita de onde o jovem poderia pregar. Falando em termos práticos, desde cerca de 96 d.C., a “palavra” estava disponível na forma do Novo Testamento, e dali os ministros do evangelho podiam extrair o material de pregação.

A atitude certa é vista no homem de Deus que

tem medo de acrescentar ou subtrair do Livro de Apocalipse (Apocalipse 22:18, 19) ou de qualquer um dos outros vinte e seis livros. Ele está determinado a não ir além da doutrina de Cristo (2 João 9–11). Aquele que interpreta “a doutrina de Cristo” como significando o ensino a respeito da divindade de Cristo ainda está se restringindo ao ensino contido nesses livros. Isto porque a divindade de Cristo inclui Sua autoridade (Mateus 28:18; 1 Pedro 3:22) e Ele transferiu Sua autoridade de ligar e desligar aos apóstolos (Mateus 16:19). Os apóstolos ou escreveram ou endossaram cada livro do Novo Testamento. A autoridade para ligar e desligar está em cada um desses livros e fora deles não há autoridade. Rejeitar a doutrina dos apóstolos (Atos 2:42) é rejeitar Cristo (Lucas 10:16; veja 1 João 4:6). A palavra deles tornou-se a palavra de Cristo e Sua palavra é a palavra do julgamento (João 12:48)².

Segue-se que os livros a serem usados para julgar nossas almas no Dia do Juízo são os livros da Bíblia (veja Apocalipse 20:12). Por eles os mortos serão julgados conforme suas obras. Os céus e a terra passarão, mas os livros da Bíblia são indestrutíveis (Mateus 24:35). A “palavra da Sua graça” (Atos 20:32), hoje, contém nem mais nem menos do que os vinte e sete livros divinamente produzidos para fazer e edificar cidadãos do reino, e para lhes dar uma herança entre os que foram separados (Atos 20:32).

ASSUNTOS INCLUSOS NA PREGAÇÃO DA PALAVRA

Uma vez que todos os vinte e sete livros qualificam-se como sendo “inspirados por Deus” (2 Timóteo 3:16), todo assunto discutido neles é útil para ensinar, reprovar, corrigir e instruir na justiça, para que o homem de Deus seja completamente habilitado para toda boa obra. Feliz é o pregador que, no fim de seu ministério, pode dizer com boa consciência que ele não omitiu nada que fosse útil. O pregador fiel declara a totalidade do conselho divino, e assim se isenta do sangue de todos os homens (Atos 20:20–27).

A Inspiração da Bíblia

Como temos reforçado no presente estudo, um dos assuntos inclusos na Bíblia e que precisa urgentemente ser enfatizado hoje na pregação da Palavra é a inspiração divina da Bíblia. Se a inspiração da Bíblia não estiver num nível mais elevado do que as peças de William Shakespeare ou a prosa de John Milton ou a poesia de Alfred

Tennyson, a Bíblia será um livro totalmente humano e não poderá ser pregada como tendo plena autoridade. Uma vez que “não cabe ao homem determinar o seu caminho” (Jeremias 10:23), uma Bíblia que procedesse do homem deixaria a humanidade totalmente sem esperanças. A Bíblia é “lâmpada para os... pés [do homem]” e “luz para os... caminhos [do homem]” (Salmos 119:105). Se esta luz fosse completamente humana, não seria preciso confiarmos nos sessenta e seis livros do Antigo e Novo Testamentos como um guia fidedigno.

Embora cerca de quarenta autores tenham ajudado a trazer à existência os livros da Bíblia, os escritores foram supervisionados em seu trabalho, conduzidos pelo Espírito Santo (2 Pedro 1:21). Alguns interpretaram erroneamente 2 Pedro 1:20 na Edição Revista e Corrigida (“...nenhuma profecia da Escritura é de particular interpretação”) como significando que ninguém deve expressar sua interpretação particular de uma passagem. Quando ensinam isto, estão fazendo exatamente o que não deveriam. De fato, cada professor dá sua própria interpretação da passagem que ele está discutindo — e ele deve fazê-lo.

Esdras e seus co-professores leram a Bíblia a “homens e mulheres e a todos os que eram capazes de entender o que ouviam” (Neemias 8:2). “Leram no livro, na Lei de Deus, claramente, dando explicações, de maneira que entendessem o que se lia” (Neemias 8:8). Os professores não podem evitar a interpretação. Devem se preocupar em dar uma interpretação correta, para não distorcerem as Escrituras “para a própria destruição” — e de outros também (2 Pedro 3:16). Muitos são os que, por causa de alguma facção, “adulteram a palavra de Deus” (2 Coríntios 4:2). “Nós não estamos, como tantos outros”, disse Paulo, “mercadejando a palavra de Deus” (2 Coríntios 2:17). Os católicos romanos usam mal 2 Pedro 1:20, dizendo que esse versículo “mostra claramente que as escrituras não devem ser explicadas pelo julgamento particular de ninguém”³. Pela ordem deles, só é permitida a interpretação oficial da Igreja Católica Romana.

O que Pedro estava realmente dizendo? Ele não estava falando sobre examinar os significados das passagens bíblicas, mas sobre como as Escrituras vieram a existir. Elas não se originaram no pensamento particular do escritor (seu desligar [gr.: *epilysis*] pessoal de informações). Nenhuma Escritura em momento algum veio a existir pela

vontade pessoal de um escritor; mas homens foram guiados pelo Espírito Santo para redigirem. A idéia de Pedro, portanto, era da inspiração divina das Escrituras, em oposição a qualquer fonte de inspiração humana. Pedro classificou a Bíblia numa posição única. Ela não é apenas um livro; é o Livro dos livros. Somente quando a Bíblia é entendida assim ela pode ocupar seu devido lugar e exercer sua força nos corações dos homens.

Uma outra passagem significativa é a declaração de Paulo de que “toda escritura” da santa Palavra é inspirada por Deus (gr.: *theopneustos*). Escritos humanos são inspirados por homens (gr.: *anthropneustos*). Na verdade, a tradução de que as Escrituras são “inspiradas” deixa um pouco a desejar. A palavra “inspirar” vem do latim, que significa “respirar em”. Deus não respirou numa porção de livros mortos, mas os livros vieram a existir pelo fôlego respirado por Deus: eles foram respirados por Deus. Em contraste com isto, um corpo de barro morto recebeu o fôlego de vida de Deus e Adão começou a viver; mas a Bíblia não veio a existir dessa maneira. Não houve um corpo de livros mortos no qual Deus respirou, tornando-os vivos e poderosos. Em vez disso, o fôlego de Deus, Seu Espírito Santo, trouxe os livros à existência, tornando-os vivos e poderosos no momento em que passaram a existir. Dizer, então, que a Bíblia é “inspirada” não é uma tradução totalmente precisa de *theopneustos* em 2 Timóteo 3:16.

Num nível mais elevado, a inspiração da Bíblia é (usando a tradução convencional) a respiração de Deus. Os pregadores do evangelho fazem de seus ouvintes um culto santo, implantando em seus corações a idéia de um livro cujo autor é Deus. “O Espírito do Senhor fala por meu intermédio”, disse um dos escritores da Bíblia, “e a sua palavra está na minha língua” (2 Samuel 23:2).

Um Deus Pessoal

Um outro assunto importante sobre o qual todo ministro da Palavra tem o privilégio de discorrer é a doutrina de um Deus pessoal. Além de existir uma força criadora por trás do universo, essa força reside numa Pessoa. “O que fez o ouvido, acaso, não ouvirá? E o que formou os olhos será que não enxerga?” (Salmos 94:9). O que criou a personalidade humana não pode ser ninguém menos do que uma pessoa divina. Ele pensa (Isaías 55:8); Ele sabe (Êxodo 3:7); Ele se

lembra (Êxodo 6:5); Ele ama (João 3:16); Ele pode irar-Se (Salmo 103:8). Embora possua essas características humanas, Ele não é de carne e osso (Lucas 24:39). Ele é espírito (João 4:24) e não está sujeito à morte (1 Timóteo 1:17; 6:16). Aquele que ama a vida e não quer se tornar extinto num cemitério alegra-se porque seu Criador (Eclesiastes 12:1) pode ser seu Salvador Etern (1 Timóteo 1:1). Os gratos mortais devem cantar do fundo da alma: “Santo, Santo, Santo é o Senhor Deus, o Todo-Poderoso, aquele que era, que é e que há de vir” (Apocalipse 4:8). Aquele que prega a Palavra tem muito material para levar os ouvintes a conhecer o Pai celestial e a fazê-los querer viver com Ele para sempre.

O Filho de Deus

Um dos principais assuntos desenvolvidos pelos que executam a ordem de Paulo a Timóteo consiste em permitir que homens vejam Aquele que é o mais formoso dos filhos dos homens, Aquele em cujos lábios se extravasou a graça (Salmos 45:2). É nessa pessoa que o Pai tem grande alegria e amor (Mateus 3:17). As provas da divindade de Jesus surgem primeiramente do fato de ter Ele cumprido totalmente as predições do Antigo Testamento (Atos 17:2, 3), escritas centenas de anos antes de Seu nascimento⁴. Os sermões de Jesus surpreenderam Seus ouvintes dois mil anos atrás (Mateus 13:54) e não surgiu outro como Ele. O altruísmo de Jesus; Sua abnegação; Seu coração bondoso, Sua consideração pelas mulheres, crianças e marginalizados — todas essas qualidades e mais outras devem nos levar a reconhecer “a preciosidade” de Jesus (1 Pedro 2:6, 7). Quanto mais o simples Nazareno é pregado, mais as pessoas dizem: “Que amigo temos em Jesus!”

O Plano de Salvação

Por mais firmemente que tenham sido estabelecidas as pedras fundamentais da inspiração bíblica, da credibilidade e da divindade de Jesus, um pregador estará perdendo tempo se não anunciar também o evangelho da salvação. De nada valerá a pessoa saber a respeito de uma Bíblia inspirada por um Espírito, de um Deus pessoal e de Jesus, o homem-Deus, se não souber o que fazer para obter a salvação de seus pecados. Jesus veio ao mundo para salvar (Lucas 19:10; 1 Timóteo 1:15), mas Ele não salva incondicionalmente (Lucas 6:46). Visto que a maioria das pessoas se perderá (Mateus 7:13, 14), um pregador

que ama almas sempre estará alerta para mostrar aos pecadores o que fazer para serem salvos.

Alguns julgam um ato de legalismo resumir o plano da salvação em cinco passos, mas estes não estão ajudando a salvar almas. É verdade que algumas pessoas fazem a confissão só com os lábios, e há outras que são imersas somente para se molharem. Todavia, isto não anula o fato de que Deus requer do homem cinco passos de obediência para que este seja aceito por Ele. Embora alguns dizem que Jesus é o único plano de salvação, estão fazendo mal uso dessa frase. Jesus é o caminho, e por isso Ele é o ator principal no plano de Deus (João 14:6); mas Jesus sozinho não salva ninguém. O plano especifica que a vida está com os que crêem e a ira com os desobedientes (João 3:36). Ele salvará somente os que obedecerem (Hebreus 5:9) e a obediência é um processo que se efetua passo a passo.

O primeiro passo é uma disposição para ouvir a Palavra pregada, pois algumas pessoas têm ouvidos surdos para ouvir (Mateus 13:15) e jamais serão salvas. “Quem tem ouvidos [para ouvir], ouça” (Mateus 13:9). Nem o poder de Jesus salvará aqueles que fecham os ouvidos (Atos 7:57).

O segundo passo é uma confiança sincera na mensagem sobre Jesus, uma crença sincera de que Ele é “Deus conosco”, Emanuel, um Amigo mais chegado que um irmão (Atos 16:31; João 20:30, 31). “Fé somente” nunca salvou ninguém, nem cristão (Tiago 2:24) nem não-cristão (João 12:42). O passo número dois é essencial (João 8:24), mas ele sozinho é pior do que a incredulidade.

O terceiro passo é um reconhecimento verbal do que está no coração: “Creio que Jesus Cristo é o Filho de Deus” (Atos 8:37; veja 1 João 4:15; Mateus 16:16). Jesus prometeu que, quando um pecador faz a “boa confissão” (1 Timóteo 6:13), Ele confessará o nome do pecador ao Pai (Mateus 10:32). Verdadeiros crentes não se envergonham (Marcos 8:38) nem receiam (João 12:42) confessar o Senhor Jesus com a boca (Romanos 10:9, 10).

O quarto passo consiste numa mudança de mente, um ato geralmente denominado arrependimento. É uma alteração no pensamento do indivíduo, efetuada pela sua nova fé em Jesus. Ele renuncia a tudo a que era antes fiel (seja dinheiro, ídolos ou Maomé) e decide fazer de Jesus o Senhor de sua vida. O arrependimento é precedido por uma tristeza segundo Deus (2 Coríntios 7:10); é uma mudança de mente (gr.: *metanoia*), seguida por restituição (Mateus 3:8). É

o mandamento mais difícil da Bíblia⁵. O que torna evidente ser este um passo isolado no plano de salvação é o fato de que um indivíduo pode ter fé sem se arrepender (Tiago 2:18–20). Os demônios crêem, mas não mudam suas mentes nem sua conduta: eles não se arrependem. A palavra portuguesa “arrepender-se” (que vem do latim *repenitere*, “sentir pesar”) não é uma tradução precisa da palavra usada pelo Espírito Santo (gr.: *metanoeson*, “mudança de mente, reverter as direções mentais”). É necessário mais do que pesar para realizar *metanoia*, o verdadeiro arrependimento.

O quinto passo é uma imersão em água (Atos 10:47, 48). Em si mesmo, o batismo não tem valor, nem mesmo para remover a sujeira do corpo (1 Pedro 3:21). No plano de Deus, porém, ele é excepcionalmente importante. É a diferença entre estar dentro e estar fora de Cristo (Gálatas 3:27), estar no corpo ou fora do corpo (1 Coríntios 12:13). Sem o batismo não há remissão ou perdão de pecados (Atos 2:38), mas pela obediência a esse mandamento uma alma é purificada (1 Pedro 1:22). Sem a imersão, não se completa o novo nascimento (João 3:5). Essa lavagem de regeneração (Tito 3:5) precisa fluir do coração (Romanos 6:17); de outro modo, é um legalismo hipócrita e mero mergulho. O batismo é a linha divisória entre o mundo e a igreja. Ele é a transição do império das trevas para o reino do Filho do seu amor (Colossenses 1:13). O batismo é tão importante que nenhum exemplo em Atos mostra alguém que, tendo ido a Cristo com fé, pára para comer e beber para depois ser imerso. O batismo é realizado no mesmo instante em que o indivíduo se torna um crente, mesmo que isto aconteça à meia-noite (Atos 16:33). Não eram cristãos que recebiam o batismo, mas pecadores. O batismo era o que tornava as pessoas cristãs.

Os cinco passos no plano da salvação não são obras meritórias. Eles não podem comprar a salvação. Só o sangue do Senhor pode purificar pecados (Apocalipse 1:5; 5:9, 10), mas esse sangue não purifica pecados enquanto o pecador não se submete aos cinco passos de obediência (veja Atos 22:16). Pregadores que ignoram esse plano de cinco passos ou omitem algum desses passos não estão anunciando por inteiro o conselho de Deus e, sim, desviando as pessoas do caminho.

A Igreja

Por volta do ano 62 d.C., Paulo escreveu uma carta à igreja em Éfeso. Essa epístola deve ter

sido altamente valorizada e profundamente guardada. Com certeza, ela foi mantida em algum tipo de biblioteca de igreja e estava lá para que Timóteo a estudasse, quando ali chegou em 63 d.C., para ser um pregador ou evangelista local. Qualquer um que lesse essa carta concluiria que, na avaliação de Deus, a igreja é importante. As palavras de Paulo retratam a igreja como uma instituição espiritual que foi planejada desde a eternidade (Efésios 3:11) para ser a noiva de Cristo (Efésios 5:25, 26). Depois de estudar a carta e ser exortado a pregar a Palavra, um pregador como Timóteo transbordaria com pensamentos que exaltassem a igreja de Cristo. Ninguém que prega a Palavra pode diminuir o valor da igreja.

Visto que Cristo voltará para salvar a Sua igreja (Efésios 5:23), um pregador que ama pessoas fará de tudo ao seu alcance para motivar outros a viverem e morrerem dentro da igreja. É verdade que a igreja por si só não salva. Jesus é o Salvador, e a igreja é formada pelos salvos. Dia após dia, cada pecador que obedece aos cinco passos do plano de salvação torna-se uma pessoa salva, e o Senhor o acrescenta a esse grupo de pessoas que agiram de igual modo (Atos 2:47). Aqueles que permanecem na fé, alicerçados e firmes, sem se deixar afastar da esperança do evangelho, serão levados para o céu quando o Senhor voltar um dia (Colossenses 1:23).

No Novo Testamento, o grupo de pessoas salvas é comparado ao aprisco de Cristo (João 10:16), ao corpo de Cristo (Colossenses 1:18), ao reino de Cristo (Colossenses 1:13) e à família de Deus (Gálatas 3:26; Romanos 8:29). Biblicamente falando, o número de igrejas verdadeiras (não congregações individuais) em existência é o número de “apriscos de Cristo” e “corpos de Cristo” e “reinos de Cristo” e “famílias de Deus” localizados no mundo. Muitos membros da igreja do Senhor estão dispersos pelas nações, mas há um só corpo (veja 1 Coríntios 12:20).

A igreja do Novo Testamento é uma instituição espiritual sem nome. Das 112 ocorrências da palavra “igreja” ou “igrejas” na versão portuguesa, em 95 ela é chamada simplesmente de “a igreja” ou “igrejas”; em 12 ocorrências ela é chamada de “a igreja de Deus”, uma expressão que descreve posse. Uma expressão similar, “igrejas de Cristo”, aparece uma vez (Romanos 16:16). Certa vez Jesus a chamou de “minha igreja” (Mateus 16:18). Descrições dos tipos de pessoas que compõem sua totalidade de membros

(gentios, santos, primogênitos) relacionam-se às outras três ocorrências da palavra (Romanos 16:4; 1 Coríntios 14:33; Hebreus 12:23). Nenhum nome é dado à igreja. Ao dar-lhe um nome, estamos denominando-a. Membros individuais usam o nome de Cristo (1 Pedro 4:16), o nome “cristão”, mas os escritores do Novo Testamento nunca designaram a igreja de Jesus como a Igreja Cristã. “Se alguém fala, fale de acordo com os oráculos de Deus” (1 Pedro 4:11). Ninguém pode usar termos como “as igrejas da Igreja de Cristo”, “congregações da Igreja de Cristo”, “pregadores da Igreja de Cristo” ou: “Eu sou da Igreja de Cristo”. Esforcemo-nos para com “lábios puros” O servirmos de comum acordo (Sofonias 3:9).

Adoração

O homem de Deus precisa dar atenção à incumbência de pregar a Palavra a respeito da adoração. Ele deve saber que existem quatro tipos de adoração: a adoração ignorante, a adoração vã, a adoração baseada nos desejos e a verdadeira adoração. Aquele que venera imagens e ídolos (Atos 17:22, 23; 1 Coríntios 8:5, 6) está adorando em ignorância. Mesmo aquele que venera o Deus certo pode ainda estar adorando em vão (Mateus 15:9). Jesus definiu a adoração vã como seguir doutrinas e mandamentos de homens. Geralmente presume-se que a adoração vã seja aquela em que há lavagem de mãos e pés, imersão das mãos numa bacia de água consagrada, o sinal da cruz, a prostração diante de imagens de Maria e Jesus, queimação de incenso, uso de música mecânica, dança e fumo de maconha. Na adoração baseada nos desejos o indivíduo expressa uma forte determinação para abster-se de alimentos ou submeter-se a autoflagelação, mas esta não é a adoração que o Senhor quer (Colossenses 2:20–22). A verdadeira adoração possui dois elementos: deve ser com o espírito correto e em verdade (João 4:24).

Adorar segundo a verdade é adorar segundo a Palavra (João 17:17). A Palavra prescreve apenas cinco atos de adoração (Atos 2:42; Efésios 5:19), a saber: a leitura da Palavra (Colossenses 4:16), a oferta conforme a prosperidade (2 Coríntios 9:7), o partir do pão (1 Coríntios 11:23–26), oração (1 Timóteo 2:1) e cânticos (Efésios 5:19; Hebreus 13:15). Quando a verdade é definida como “sinceridade” em vez de “o que está contido na palavra da verdade”, qualquer doutrina de homens torna-se aceitável! Qualquer ensino pode ser seguido com sinceridade por quem não conhece os verda-

deiros ensinamentos de Deus. Uma vez que as doutrinas de homens são vãs na adoração (Mateus 15:9), a palavra “verdade” em João 4:24 precisa restringir-se ao que se encontra escrito na palavra da verdade (João 17:17).

A adoração com o espírito correto desaprova o culto somente com os lábios (Mateus 15:8), quer seja na leitura das Escrituras, quer seja na oração ou na entoação de cânticos (1 Coríntios 14:15). Aquele que não discerne o corpo do Senhor quando participa da ceia do Senhor não pode estar adorando com o espírito correto; em vez disso está comendo e bebendo para sua destruição (1 Coríntios 11:27–29). Aquele cujas ofertas em dinheiro não são resultantes de um propósito no coração faria o mesmo bem se as guardasse para si (2 Coríntios 9:7); pois agindo assim, ele não está adorando com o espírito correto.

O pregador de Deus, fiel à incumbência de Paulo, esclarecerá às pessoas que a adoração de qualquer suposta divindade é inaceitável, e que qualquer forma de adoração direcionada ao Deus verdadeiro mas não autorizada por Ele também é inaceitável. O próprio Deus julgará entre a adoração falsa e a adoração verdadeira.

A Família

O desejo do santo Pai pela “descendência que prometera” (Malaquias 2:15) fê-lo fazer uma esposa para Adão e um marido para Eva. Deus odeia o repúdio, o divórcio (Malaquias 2:14–16). Um casal é unido em tamanha unicidade que Deus só admite um pecado mau o bastante para permitir uma mudança de cônjuge (Mateus 19:9). Nem mesmo espancamentos, alcoolismo, incompatibilidade e abandono são razões suficientes para um novo casamento. Aquele que é fiel à incumbência de Paulo para pregar a Palavra censurará a prática de se tolerar casamentos não-bíblicos.

Se um casal pratica sexo fora do casamento, o batismo não santifica tal pecado, tornando-o santo. Se um cônjuge foi repudiado por ter cometido fornicção, quem se casa com ele comete adultério com ele. Haja ou não filhos envolvidos, ou tenham os votos de casamento ocorrido antes ou depois do batismo, isto não muda as leis de Deus sobre o casamento. Deus determinou que permanecer na prática da fornicção conduz ao lago de fogo (Gálatas 5:19, 21; Apocalipse 21:8). Homens de Deus não ousam contorcer a palavra da verdade para que ela se encaixe aos desejos do ser humano.

Zelo

O desafio de pregar a Palavra não pode ser cumprido por um pregador que se agarra firmemente às leis do Senhor sobre casamento, ao plano de salvação e a cada outro ponto doutrinário, mas deixa de animar os cristãos preguiçosos a trabalharem com um zelo inabalável (1 Coríntios 15:58). O homem de Deus deve expor vividamente a náusea, o enjôo que um cristão indiferente e desinteressado faz o Senhor Jesus sentir (Apocalipse 3:16). Aquele que sabe o bem que deve fazer, mas não o faz, está pecando (Tiago 4:17). De fato, aquele que possui zelo mas é carente de conhecimento estará em melhor situação no Dia do Juízo do que aquele que conhece mas não demonstra zelo (Lucas 12:47, 48). “Desperta, ó tu que dormes, levanta-te de entre os mortos” (Efésios 5:14).

CONCLUSÃO

Nenhum desafio mais importante do que o proposto por Paulo a Timóteo já foi feito: “Prega

a Palavra”. Que Deus ajude cada um de nós a: 1) crer na Palavra, 2) obedecer a Palavra e 3) propagar a Palavra!

¹Especialmente quando damos crédito ao relato de Crisóstomo a respeito de Paulo ter convertido a Cristo uma concubina de Nero. “Quando ela se recusou a reassumir a aliança iníqua, o tirano inflamado descarregou sua vingança no apóstolo e o sentenciou à morte” (David Smith, *The Life and Letters of St. Paul* [“A Vida e as Cartas de São Paulo”]. Nova York: Harper & Bros., s. d., p. 639).

²A edição do Novo Testamento em letras vermelhas deixa a impressão de que “as palavras de Cristo estão em vermelho”, quando na verdade *cada* palavra da Bíblia foi dada por Cristo.

³Esta é a postura da versão Douai, uma tradução católica produzida por uma equipe de eruditos de Oxford, da Faculdade Douai, em Flanders, em 1568.

⁴Uma série de profecias específicas são analisadas nesta publicação, nas lições “Profecias na Bíblia”, “Profecias Messiânicas” e no quadro na contra-capá.

⁵Este pensamento é evidente em J. W. McGarvey, “Repentance” (“Arrependimento”), em *McGarvey’s Sermons* (“Sermões de McGarvey”). Delight, Ark.: Gospel Light Publishing Co., 1975, pp. 97, 98.

©Copyright 2005, 2006 by A Verdade para Hoje
TODOS OS DIREITOS RESERVADOS